



Ficha de Pesquisa

A aprendizagem orientada e a abordagem humanístico-emocional na educação: partilhar para aumentar o valor de cada aprendiz

Tronco do módulo/ D

1/ Âmbito

A complexidade do mundo atual e as diferentes necessidades educativas dos alunos exigem à escola inclusiva o desenvolvimento de novas estratégias e métodos de intervenção na área da personalização das propostas educativas. A configuração que eu pretendo considerar aqui é a da educação, em particular desejo analisar a especificidade das necessidades educativas de cada aluno.

2/ Demonstração

a presente análise pretende demonstrar que através de uma abordagem humanístico-emocional e da teoria da Aprendizagem Orientada se pode chegar a um bom nível de inclusão na escola devido ao facto do professor ter de ativar as dinâmicas psicológicas de todos os aprendentes para conseguir uma aprendizagem ideal.

A teoria da AO surge, assim, como uma ferramenta útil para identificar o potencial dos alunos, diversificar a ação formativa e assegurar oportunidades de sucesso para todos.

Para provar isto, vou esboçar algumas das principais características do Aconselhamento Psicológico e Aprendizagem Orientada.

Em seguida, vou destacar as implicações da AO na área educativa, apontando as suas atuais implicações na sala de aula ou em diferentes fases da aprendizagem e finalmente falarei sobre o desenvolvimento de estratégias de ensino inovadoras e alternativas e metodologias que colocam o aprendiz no centro do processo de aprendizagem.



1. PREFÁCIO

O modelo educativo da Aprendizagem Orientada (AO) desenvolvida por Charles A. Curran e os seus assistentes foi recentemente alvo de atenção por parte de educadores e professores.

Esta reflexão sobre este modelo destina-se a detetar os principais componentes e a dinâmica psicológica que surgem da aprendizagem criativa, para traçar as relações entre professor e aluno, para pensar nas condições em que a aprendizagem acontece, os obstáculos que se podem interpor nos programas de formação e o papel desempenhado por aqueles que aprendem novos conteúdos.

O principal objetivo da minha reflexão é clarificar a relação do conceito unitário do homem, com todos os seus componentes psicológicos, que provêm do aconselhamento e terapia, com a aprendizagem.

Alguns professores usam este método, ou consideram que o usam, mas apenas alguns o usam para analisar a sua natureza, extensão e importância. A aprendizagem orientada é uma intervenção que não pode ser identificada com psicologia ou com o simples ensinar, mas que pode ter efeitos terapêuticos no processo de aprendizagem.

Não pode ser identificada como um apoio amoroso: se a empatia entre o orientador (professor) e o cliente (aluno) não existe e o desejo de se apoiarem não produzir resultados satisfatórios.

Não serve apenas para fornecer conselho ou apoio; normalmente o que interessa é a capacidade de ouvir e a disponibilidade. Mas não se trata apenas de ouvir, com empatia e referências, também são necessárias fases dirigentes, método e um projeto para gerir.

Nós como professores costumamos trabalhar no campo delicado da aprendizagem orientada todos os dias. Falar com aprendentes diretos, ajudar as pessoas que não sabem muito bem qual a finalidade da aprendizagem, não é, certamente, uma tarefa fácil para nós.

Os alunos que vão estudar um novo assunto, um novo tópico, precisam de uma aula que não lhes seja imposta, mas sim de uma aula que seja partilhada e compreendida.

Neste conceito, podemos observar um dos aspetos principais da atividade de Curran.

Dar estatuto a este relatório não é tarefa fácil. Em Itália a literatura sobre Aprendizagem Orientada é muito pobre. A metodologia usada nas escolas, atrevo-me a dizer, é quase insignificante.



2. CHARLES A. CURRAN

Curran, tal como outros representantes do ensino da linguagem humanística, não tinham uma formação profissional no ensino.

Ele fez um doutoramento em psicologia na universidade do Estado de Ohio e foi um ativista na área do aconselhamento durante mais de vinte e cinco anos.

Durante os últimos quinze anos levou a cabo pesquisas sobre a aprendizagem dos adultos para verificar e desenvolver as suas próprias teorias da psicologia na aprendizagem.

Abordou o ensino tentando aplicar a psicologia e psicoterapia, oferecidas pelo aconselhamento psicológica, que aprendera com Carl R. Rogers.

Transferido para a área pedagógico-linguística, o método desenvolvido por Curran sugere que a melhor relação que se estabelece entre o professor e o aluno é semelhante à que se estabelece entre o conselheiro (terapeuta) e o cliente (paciente).

O cliente na psicoterapia é equiparado ao aprendente que é um adulto a lutar com problemas de aprendizagem, o conselheiro é o professor.

A atenção foca-se, então, na esfera afetiva do aprendente, a eliminação ou pelo menos a atenuação de todas as fontes de stress e ansiedade são a principal preocupação deste método assim como de todas as outras abordagens humanístico-afetivas.

3. UMA TÉCNICA PSICOLÓGICA: CONSELHEIRO E CLIENTE

O aconselhamento é uma **técnica psicológica** que se realiza através de um procedimento bem definido e partilhado em cinco fases distintas:

1. **Formulação do problema:** pessoa é negativa em relação a si própria.
2. **Análise:** é uma fase mais positiva de introspeção, onde a reação negativa já terminou, pode ver-se uma perspetiva positiva e valores anteriormente escondidos.
3. **Sumário:** esta é a fase onde a pessoa começa a ligar os seus problemas e a perceber a partir do passado a sua situação atual, como os problemas foram tomando forma.
4. **Planear:** a pessoa planeia novas escolhas e um modo mais adequado de atuar.
5. **Reavaliação:** a pessoa reavalia as experiências que teve e interioriza-as, tornando-se consciente.

A atitude do conselheiro em relação ao cliente é aberta, sem preconceitos, de um modo positivo.



A maneira como trabalha com o outro é para propor, com as suas próprias palavras, o que o cliente diz (quase transcrevendo), agindo como um **espelho**.

O cliente, revê-se no conselheiro, aliena-se dos seus problemas (que pareciam não ter solução), vê-os com um certo desligamento e segundo um outro ponto de vista.

O feedback dado pelo conselheiro, permite ao cliente ver novas perspetivas e arranjar novas soluções, graças à compreensão e aceitação recebidas.

O objetivo principal deste processo é a **autorrealização**.

O conselheiro não deve dar ordens ou diretrizes, deve ajudar a crescer, a tornar-se consciente e a criar escolhas independentes.

A autorrealização, o pensamento sobre si próprio como uma PESSOA no seu todo, a valorização individual de cada um é crucial no processo aprendizagem, de acordo com Curran. Neste sentido, a prática do aconselhamento psicológico influencia grandemente a prática da aprendizagem orientada.

4. ACONSELHAMENTO TERAPEUTICO E APRENDIZAGEM ORIENTADA

No final dos anos 50, o modelo educativo da aprendizagem orientada pretendia estudar as dinâmicas psicológicas envolvidas na aprendizagem do adulto, especialmente a aprendizagem de línguas estrangeiras, mais do que desenvolver um método de ensino.

Porque muitos dos obstáculos referidos pelos aprendentes eram muito semelhantes aos relatados pelas pessoas abrangidas pelo aconselhamento psicológico e psicoterapêutico, pensou-se que se os professores fossem treinados para implementar a sensibilidade e capacidades típicas do aconselhamento, esta dupla experiência traria mudanças significativas para a relação entre professor e aprendente.

O hífen entre o aconselhamento e a aprendizagem significa a abordagem integrada na educação, que se refere à consciencialização e à peculiaridade emprestada do campo do aconselhamento e da psicoterapia e à sua integração na aprendizagem.

5. DIFERENTES FASES DE APRENDIZAGEM

O método de Curran baseia-se na crença de que a relação entre professor e aluno deve ser semelhante à que existe entre o consultor clínico e o cliente.



A aprendizagem orientada, assim como o aconselhamento clínico, tem 5 fases durante as quais os alunos obtêm mais autonomia e controle dos temas aprendidos:

- 1) os alunos são agrupados na turma: no início estão completamente dependentes do professor-conselheiro, mas são motivados para estabelecer uma relação com o professor e com cada um deles. Discutem ideias, assuntos de gramática, sintaxe, matemática, etc., para os quais ele fornece devagar e “gentilmente” as palavras correspondentes, estruturas, formulas;
- 2) quando os alunos ganham coragem e se tornam familiares com os outros, fazem tentativas para usar essas estruturas: durante esta fase o professor continua a dar conselhos;
- 3) Quando os alunos fazem mais algum progresso, tornam-se cada vez menos dependentes das sugestões do professor, que agora se torna uma fonte que alimenta a correção dos erros;
- 4) quando os alunos se familiarizam com o tema, só precisam do professor para as áreas mais difíceis: gramática, vocabulário, fórmulas matemáticas, etc.
- 5) na última fase do processo de aprendizagem, os alunos tornam-se completamente independentes e a comunicação espontânea surge: a presença “silenciosa” do professor limita-se a apoiar a gramática, léxico, matemática, correção...

Finalmente, prestando uma atenção cuidadosa às necessidades do aluno, o professor ajuda-o a ir de uma dependência total para a independência e autoconfiança.

NOVO MÉTODO DE ENSINO

Durante as primeiras três fases o aluno é ajudado pelo professor, uma vez que a conversa entre os aprendentes não é direta, mas mediada pelo professor, com a sua ajuda.

Os alunos formulam mensagens que são passadas aos outros alunos.

Estas mensagens são gravadas, ouvidas e mais tarde escritas. A transcrição, que é o “texto” sobre o qual toda a turma terá que trabalhar mais tarde, contem as palavras junto da explicação das palavras equivalentes numa linguagem matemática ou específica

A língua falada tem, portanto, prioridade, o código escrito é relegado para segundo plano da prática pedagógica.

Os alunos são os verdadeiros atores do processo de aprendizagem; o conteúdo dos seus diálogos é decido por eles e os seus interesses levam às suas atividades linguísticas.



6. ENSINO HUMANÍSTICO

Enquanto cuidavam das “necessidades” dos alunos, os métodos comunicativos dos anos 70 e 80 não conseguiram levar a cabo didática dos métodos diretos em oposição aos métodos formais: por um lado assistimos à crescente atenção dada ao aluno e por outro lado ao processo de aprendizagem.

Pelo contrário, na mesma altura, o passo decisivo nesta direção foi dado pelas abordagens sob o nome “**humanístico-afetivas**”, que são uma referência teórica da psicologia humanística de A.H. Maslow and C. Rogers. Eles colocam o aprendente no centro do processo de aprendizagem e consideram os fatores psicológicos que podem estar presentes de uma forma positive ou negative neste processo.

Por um lado, procuram proposta educativas capazes de reduzir a resistência psicoafectiva (a percepção negativa do eu, uma relação competitiva com a turma, uma relação conflituosa com o professor), por outro lado, a aprendizagem è acrescentada a um contexto mais desenvolvido do crescimento e desenvolvimento pessoal, ligando-o aos interesses, às motivações, à relevância do que aprenderam na vida, ao seu estilo de aprender, mas perante a capacidade de tomar as rédeas da sua aprendizagem, porque a questão não é aprender, o aprendente tem que **aprender a aprender**.

Por isso, é possível criar um clima positive para promover a aprendizagem, em vez de a bloquear? E quando é que se enfrentam esses bloqueios?

A resposta a estas perguntas varia de método para método, por exemplo, a abordagem da “Resposta física total” propõe a ligação entre língua e ação, onde as “ordens” dadas pelo professor estão de acordo com as respostas físicas dadas pelos alunos (senta-te, levanta-te, vai para a janela), que durante um curto espaço de tempo, ouvem e interiorizam a ordem sem serem forçados a “produzir”.

No método “o modo silencioso” de Gattegno, contudo, o professor, depois de ter proposto uma determinada atividade, (o trabalho por níveis é característico), afasta-se, deixando que os alunos atuem, descrevam e comentem o que estão a fazer, e confirma apenas com acenos de cabeça.

Com o método “Sugestopedia” do búlgaro G. Lozanov, o trabalho é subliminal e consiste em preparar um ambiente agradável, usando música, técnicas de relaxamento, dança, movimentos, etc.



Os materiais sugeridos pelo professor (e armazenados ao nível do subconsciente) são subsequentemente revistos graças a conversas, jogos, dramatizações, etc.; o professor tenta não “invadir” a esfera do aprendente, apenas sugere (dai o nome Sugestopedia) e recomenda.

7. CONHECIMENTO INTELECTUAL E CONHECIMENTO HUMANÍSTICO

O aconselhamento e a terapia não são invenções recentes, datam do tempo de **Aristotle, Augustine, Aquinas**, que foram os primeiros a descrever o aconselhamento como um processo para retirar conselho de si próprios como acontece com a pessoa que costuma pensar antes de tomar uma decisão. A tradição ocidental pré- Cartesiana já tinha postulado o valor do ser humano com uma **unidade**.

Curran acredita que esta tradição deveria ser integrada e melhorada com os novos conhecimentos oferecidos pelas ciências humanas. A partir deste século, o desenvolvimento da psicoterapia e aconselhamento promoveram uma maior compreensão da **totalidade do homem, alma e corpo**. Este percurso ajudou-nos a melhor compreender o modo como as funções físicas e emocionais estão todas integradas, em especial nas atividades de aprendizagem.

O pensamento moderno tem abordado, começando com Descartes, uma clara divisão entre a realidade material (**res extensa** – a pessoa que sabe, **behaviorismo**) e espiritual – realidade intelectual (**res cogitans** – conhecimento, psicologia cognitiva). O conhecimento é designado de um modo constante e distinto, para além da pessoa em si, os seus elementos afetivos e emotivos.

Para além disso, na origem do conhecimento há a dúvida. O homem de Descartes é um homem dividido, dicotomizado.

De acordo com Curran não se aprende duvidando, pelo contrário esta maneira de pensar leva a uma abordagem negativa entre o professor e o aluno.

Em vez de ouvir e tentar entender, focamo-nos em objeções e dificuldades a ser superadas. Esta dúvida choca com o modo como o conselheiro entende o cliente na terapia de aconselhamento.

O conselheiro está muito envolvido numa relação positiva incondicional com a outra pessoa. Para além disso, as aquisições da psicologia e psicoterapia que se referem ao aconselhamento leva Curran a recuperar o significado e valor da pessoa humana como uma unidade.

BIBLIOGRAFIA



- Association for the Advancement of Psychotherapy, *American Journal of Psychotherapy*, Vol. 9, 1955
- C. Kevin Gillespie, *Psychology and American Catholicism: from Confession to Therapy*, 2001
- Charles Arthur Curran, *Counseling-learning in Second Languages*, Apple River Press, 1976
- Curran, Charles A., *The concept of sin and guilt in psychotherapy*, *Journal of Counseling Psychology*, Vol., 7(3), 1960.
- Curran, Charles A., *Counseling, psychotherapy, and the unified person*, *J Relig Health*, 1963
- Douglas (Doug) Bower, *The Person-Centered Approach: Applications for Living*, Universe, 2000
- Janisse, J. Roland, *Review of Counseling - Learning: A Whole-Person Model for Education*, *Journal of Religion and Health*, 1973